

Istoé – 18/06/2014
Por uma energia sustentável



Arquiteto Luiz Arthur Nogueira debate com Cosmoval Vasconcelos, à esquerda e Eduardo Muller Monteiro, à direita

Por uma energia sustentável

A implantação de um modelo mais diversificado e com menor impacto ambiental foi a tônica do debate no Seminário “Os Desafios da Energia”.

A té 2021, o setor brasileiro de energia irá precisar de mais de R\$ 1 trilhão em investimentos, de acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), para acompanhar o ritmo de crescimento econômico. A maior fatia (R\$ 749 bilhões) deverá ser destinada ao setor de petróleo e gás natural, em função da exploração do pré-sal. A produção de biocombustíveis (etanol, biodiesel, entre outros) vai receber R\$ 79 bilhões e o restante do valor (R\$ 269 bilhões) será destinado ao setor de energia elétrica. E é lá que estão alguns dos maiores desafios para os próximos anos – de infraestrutura a planejamento, passando pelas mudanças climáticas, à distribuição e comercialização. Some-se a isso a questão socioambiental, com um peso cada vez maior. “Não dá para crescer sem energia limpa, competitiva e segura”, disse Eduardo Muller Monteiro,

diretor executivo do Instituto Acende Brasil, um centro de estudos do setor elétrico brasileiro, durante o Seminário Desafios da Energia, promovido pela revista ISTOÉ, que ocorreu terça-feira 10 de junho, em São Paulo.

A necessidade de diversificar a matriz energética, hoje fortemente ancorada nas hidrelétricas, que respondem por 76% da geração de energia no país e dependem das chuvas, uma variável que ninguém controla; o planejamento da expansão na produção de energia de forma mais integrada e de longo prazo; a modicidade tarifária e o impacto ambiental formam o conjunto das grandes questões do setor no Brasil, e foram a tônica dos debates no evento. "Estamos perto da linha do risco em relação ao abastecimento de energia. No Sudeste, estamos com 37,2% de capacidade, quando costumamos chegar nessa época do ano com 80%", afirma Cristopher Vlavianos, presidente da Comerc Energia, a maior gestora independente de energia no Brasil.

A escassez de chuva está criando um outro problema, além do risco de desabastecimento. De acordo com o professor José Goldemberg, ex-ministro da Ciência e Tecnologia (1990-1992) e ex-presidente da Cesp, a matriz está sendo "carbonizada" pois como tem chovido pouco, o governo está usando as usinas termoeletricas, movidas a carvão. "Em 2001 (ano da crise do Apagão), o governo não tinha esse instrumento. Na época, um grande programa de usinas térmicas foi criado e foi o que nos salvou agora, mas isso significa emissão de gases de efeito estufa", diz Goldemberg, um dos maiores especialistas no assunto do país.

Na opinião de Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Coppe, o maior centro de pós-graduação e pesquisa em engenharia da América Latina, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e ex-presidente da Eletrobras, o desmatamento não é mais o vilão do efeito estufa, mas sim o setor elétrico. "Nesse momento há um movimento mundial em busca da justiça climática a partir de um novo modelo de produção e consumo, mais solidário, com prioridade nas fontes alternativas de energia (biocombustíveis, eólica, solar)", diz Pinguelli Rosa.



Professor José Goldemberg durante sua apresentação



Os reservatórios de água da região sudeste estão com 37,2% de capacidade.

Professor Luiz Pinguelli Rosa respondendo as perguntas do público



A implantação de um modelo mais diversificado e com menor impacto ambiental foi a tônica do debate no Seminário "Os Desafios da Energia". Até 2021, o setor brasileiro de energia irá precisar de mais de R\$ 1 trilhão em investimentos, de acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), para acompanhar o ritmo de crescimento econômico. A maior fatia (R\$749 bilhões) deverá ser destinada ao setor de petróleo e gás natural, em função da exploração do pré-sal. A produção de biocombustíveis (etanol, biodiesel, entre outros) vai receber R\$ 79 bilhões e o restante do valor (R\$ 269 bilhões) será destinado ao setor de energia elétrica. E é lá que estão alguns dos maiores desafios para os próximos anos - de infraestrutura a planejamento, passando pelas mudanças climáticas, à distribuição e comercialização. Some-se a isso a questão socioambiental, com um peso cada vez maior. "Não dá para crescer sem energia limpa, competitiva e segura", disse **Eduardo Müller Monteiro**, diretor executivo do **Instituto Acende Brasil**, um

centro de estudos do setor elétrico brasileiro, durante o Seminário Desafios da Energia, promovido pela revista ISTOÉ, que ocorreu terça-feira 10 de junho, em São Paulo. A necessidade de diversificar a matriz energética no país e dependem das chuvas, uma variável que ninguém controla; o planejamento da expansão na produção de energia de forma mais integrada e de longo prazo; a modicidade tarifária e o impacto ambiental formam o conjunto das grandes questões do setor no Brasil, e foram a tônica dos debates no evento. "Estamos perto da linha do risco em relação ao abastecimento de energia. No Sudeste, estamos com 37,2% de capacidade quando costumamos chegar nessa época do ano com 80%" afirma Christopher Vlavianos, presidente da Comerc Energia, a maior gestora Independente de energia no Brasil. A escassez de chuva está criando um outro problema, além do risco de abastecimento. De acordo com o professor José Goldemberg, ex-ministro da Ciência e Tecnologia (1990-1992) e ex-presidente da Cesp, a matriz está usando as usinas termoelétricas, movidas a carvão. "Em 2001 (ano da crise do Apagão), o governo não tinha esse instrumento. Na época, um grande programa de usinas térmicas foi criado e foi o que nos salvou agora, mas isso significa emissão de gases de efeito estufa", diz Goldemberg, um dos maiores especialistas no assunto ao país. Na opinião de Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Coppe, o maior centro de pós-graduação em pesquisa em engenharia da América Latina, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e ex-presidente da Eletrobras, o desmatamento não é mais o vilão do efeito estufa, mas sim o setor elétrico. "Nesse momento há um movimento mundial em busca da justiça climática a partir de um novo modelo de produção e consumo, mais solário, com prioridade nas fontes alternativas de energia (biocombustíveis, eólica, solar)" diz Pinguelli Rosa.